



TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO

DIVERSOS TESTEMUNHOS,
UM SÓ EVANGELHO

I. HOWARD MARSHALL

SUMÁRIO



Prefácio	9
Abreviaturas	11
PARTE 1 INTRODUÇÃO	
1. Como fazer uma teologia do Novo Testamento?	15
PARTE 2 JESUS, OS EVANGELHOS SINÓTICOS E ATOS	
2. Os Evangelhos e a teologia do Novo Testamento	47
3. O Evangelho de Marcos	53
4. O Evangelho de Mateus	87
5. Lucas – Atos: O primeiro tratado	117
6. Lucas – Atos: A continuação	139
7. A teologia dos Evangelhos Sinóticos e Atos	163
PARTE 3 AS EPÍSTOLAS PAULINAS	
8. A Epístola aos Gálatas	185
9. As Epístolas aos Tessalonicenses	207
10. A Primeira Epístola aos Coríntios	221
11. A Segunda Epístola aos Coríntios	247
12. A Epístola aos Romanos	265
13. A Epístola aos Filipenses	297
14. A Epístola a Filemom	313
15. A Epístola aos Colossenses	317
16. A Epístola aos Efésios	329
17. As Epístolas Pastorais	345
18. A teologia das epístolas paulinas	365
19. Paulo, os Evangelhos Sinóticos e Atos	407

PARTE 4 A LITERATURA JOANINA

20. O Evangelho de João	425
21. As Epístolas de João	457
22. O Apocalipse de João	473
23. O Evangelho, as Epístolas e o Apocalipse de João	489
24. João, os Evangelhos Sinóticos, Atos e Paulo	499

PARTE 5 HEBREUS, TIAGO, 1-2PEDRO E JUDAS

25. A Epístola aos Hebreus	521
26. A Epístola de Tiago	539
27. A Primeira Epístola de Pedro	551
28. A Epístola de Judas	565
29. A Segunda Epístola de Pedro	573
30. Hebreus, Tiago, 1-2Pedro e Judas no Novo Testamento	583

PARTE 6 CONCLUSÃO

31. Diversidade e unidade no Novo Testamento	605
Bibliografia	627
Sugestão de leitura	653

PREFÁCIO



Este livro pretende ser um manual da teologia do Novo Testamento, cuja profundidade e extensão sejam, porém, compatíveis com seu uso tanto por estudantes quanto por todos que se interessam pelo tema. Em uma época em que encontramos livros imensos sobre os mais variados assuntos relacionados ao Novo Testamento, procurei ser o mais sucinto possível e escrever uma obra com um escopo bastante manejável.

Em geral, as obras que estudam a teologia do Novo Testamento tendem a ser organizadas segundo a ordem em que os temas são tratados ao longo do Novo Testamento, ou segundo as doutrinas de cada um de seus livros. Adotei, no entanto, uma abordagem diferente: deixei cada livro do Novo Testamento falar por si mesmo e, então, procurei apresentar uma espécie de síntese de suas doutrinas. Toda abordagem possui suas falhas, e a falha da abordagem que adotamos está no fato de a discussão dos diversos temas, por exemplo, sobre a igreja, estar espalhada por vários capítulos. Porém, o ponto forte de nosso método se encontra na condição dada para que a estrutura e o conteúdo da discussão sejam moldados por aquilo que cada autor procurou transmitir nos documentos originais. Com o intuito de evitar a repetição, alguns tópicos, que mereceriam igual tratamento em mais de um contexto, em geral serão tratados em um único capítulo (por exemplo, o conceito de igreja como corpo de Cristo é tratado no capítulo sobre Efésios, embora também pudesse ter sido estudado em Colossenses).

Ainda segundo nosso propósito de escrever um livro adequado para o uso de estudantes, a bibliografia foi deliberadamente restrita a obras de fácil acesso. Contudo, dois ou três dos comentários que indiquei para cada livro do Novo Testamento podem ser classificados entre os mais densos que existem atualmente, sendo que alguns deles exigem ao menos um conhecimento básico do grego. Não vejo razão alguma em se fornecer bibliografias exaustivas (que de qualquer maneira nem eu mesmo tenha lido) e deixar de indicar ao estudante os livros aos quais ele deve dar prioridade. De modo geral, não indiquei livros escritos em outras línguas,

com uma única exceção: fiz referência às principais teologias do Novo Testamento escritas em alemão, nas ocasiões em que considerei apropriado (e muito ocasionalmente indiquei outras obras que tenham me influenciado).

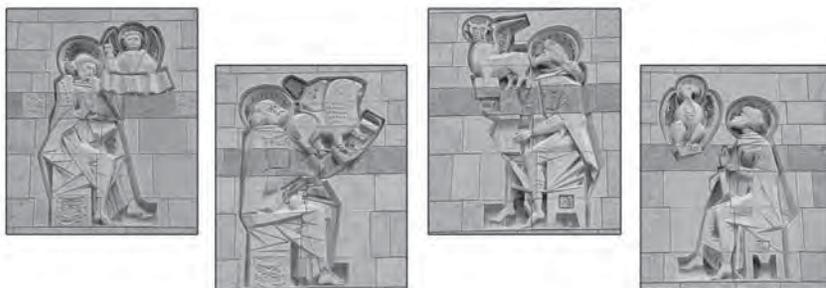
Agradeço a InterVarsity Press por sua paciência em aguardar o término deste livro, por tantas vezes prorrogado por mim, e também por seu belo trabalho de edição.

I. Howard Marshall

ABREVIATURAS



ANRW	Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt
A21	Almeida Século XXI
AR ou ARA	Almeida Revista e Atualizada
ARC	Almeida Revista e Corrigida
BBR	Bulletin for Biblical Research
BJ	Bíblia de Jerusalém
BJRL	Bulletin of the John Rylands University Library of Manchester
CBQ	Catholic Biblical Quarterly
CTJ	Canadian Theological Journal
DJG	Dictionary of Jesus and the Gospels
DLNTD	Dictionary of the Later New Testament and Its Developments
DNTB	Dictionary of New Testament Background
DPL	Dictionary of Paul and His Letters
EDBT	Evangelical Dictionary of Biblical Theology
EDNT	Exegetical Dictionary of the New Testament
EQ	Evangelical Quarterly
Int	Interpretation
JBL	Journal of Biblical Literature
JETS	Journal of the Evangelical Theological Society
JSNT	Journal for the Study of the New Testament
NIV	New International Version
NRSV	New Revised Standard Version
NTS	New Testament Studies
NVI	Nova Versão Internacional
REB	Revised English Bible
SJT	Scottish Journal of Theology
SNT (SU)	Studien zum Neuen Testament (und seiner Umwelt)
TNIV	Today's New International Version
TynB	Tyndale Bulletin



PARTE 1

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1

COMO FAZER UMA TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO?



Antes de discutirmos o modo como podemos escrever uma teologia do Novo Testamento, é necessária uma palavra sobre a legitimidade e a possibilidade dessa iniciativa.

O NOVO TESTAMENTO COMO OBJETO DE ESTUDO

O crítico mais proeminente contra tal iniciativa é Heikki Räisänen, que aponta quatro motivos pelos quais considera que isso não deve e não pode ser feito.¹

Primeiro, ele afirma que história e teologia não devem se misturar. Nesse sentido, alega que não é tarefa dos estudiosos do Novo Testamento, no desempenho de sua função, tratar de teologia. Antes, o seu âmbito de atuação é o campo da história. O que um estudioso do Novo Testamento pode fazer é simplesmente escrever um relato descritivo sobre a igreja primitiva e nada mais do que isso. Escrever teologia é uma tarefa prescritiva, e o estudioso do Novo Testamento não possui autoridade para prescrever coisa alguma a ninguém.

Segundo, Räisänen defende que a própria natureza do material nos restringe a escrever um relato histórico sobre a religião dos primeiros cristãos. Nesse ponto, ele retoma a proposta específica apresentada por William Wrede no século passado.

Em terceiro lugar, ele afirma que um estudo que se limita à análise dos documentos neotestamentários pode se dizer que repousa sobre uma limitação artificialmente imposta. Uma limitação determinada pelo processo de constituição do cânon, que por sua vez representa uma decisão teológica posterior, cujas bases não se encontram na história da igreja primitiva.

¹ Heikki Räisänen, *Beyond New Testament Theology: A Story and a Program* (Londres: SCM Press, 1990).

Em último lugar, ele alega que existe tamanha contradição entre esses documentos que seria impossível nos basearmos neles para extrair uma única teologia do Novo Testamento, no sentido de uma perspectiva teológica que fosse unificada e comum a todos os documentos existentes.

Os argumentos de Räsänen foram alvo de uma refutação detalhada e bastante convincente por parte de Peter Balla.² À primeira alegação de Räsänen, Balla responde que não existe uma boa razão para a teologia dos primeiros cristãos não ser objeto de um estudo histórico. Acrescenta ainda que esse estudo pode ser realizado sem que seu ponto de partida seja necessariamente uma perspectiva eclesial, ou que sua conclusão seja uma declaração sobre aquilo em que a igreja deva crer. O primeiro raciocínio de Balla é bastante sólido, mas a segunda objeção ainda precisaria de uma análise adicional mais detalhada.

Talvez a resposta mais simples e convincente para o segundo argumento apresentado por Räsänen seja a constatação de que surgiram nos últimos anos nada menos do que dez grandes obras escritas por acadêmicos do Novo Testamento de altíssima competência e ligados a vertentes teológicas bastante distintas.³ É muito difícil acreditar na idéia de que todos eles estejam unidos em torno de algo basicamente ilegítimo, sendo ainda que a própria existência de suas obras demonstra que essa é uma iniciativa possível!

A QUESTÃO DO CÂNON

O terceiro argumento de Räsänen possui maior peso. A princípio, coloca-se o seguinte questionamento: o conjunto de vinte e sete documentos, que constitui o Novo Testamento, forma de fato uma coletânea unificada e capaz de uma diferenciação válida frente a outros documentos do período? Em outras palavras, esses documentos se constituem em um adequado objeto de estudo? É correto analisar os documentos do Novo Testamento por si mesmos? Ou ainda, é certo excluir dessa análise, por exemplo, documentos escritos pelos pais apostólicos, o *Evangelho de Tomé* ou o *Evangelho de Pedro*? É possível apontar cinco argumentos em defesa do cânon, sendo que, a meu ver, os quatro primeiros são bastante sólidos.

Primeiro, esses documentos foram reconhecidos por cristãos em períodos seguintes como um conjunto de livros sagrados que gozavam do mesmo *status* atribuído aos escritos que os judeus aceitavam como suas Escrituras. O formato da coletânea e a essência de seu conteúdo foram fundamentalmente determinados por volta do final do segundo século da era cristã. No entanto, foi somente

² Peter Balla. *Challenges to New Testament Theology: An Attempt to Justify the Enterprise* (Tübingen: Mohr Siebeck, 1997).

³ Ver as obras de Klaus Berger, G. B. Caird, J. Gnllka, Ferdinand Hahn, Hans Hübner, George Eldon Ladd, Walter Schmithals, Georg Strecker, Peter Stuhlmacher e Ulrich Wilckens, todas mencionadas na bibliografia deste livro. Sabemos que mais obras estão sendo produzidas.

no ano 367 d.C. que surgiu a primeira declaração, ainda existente, sobre a lista dos livros que mais tarde seriam quase que universalmente aceitos como canônicos.⁴ Podemos admitir que todo o processo, no qual esses livros foram reunidos e separados dos demais, desenvolveu-se por um longo período após sua redação e, também, que não foram escritos com a intenção deliberada de formar um conjunto de livros. O próprio fato de um consenso haver surgido em torno deles, no entanto, é suficiente para sustentar a posição de que a igreja primitiva estava certa ao reconhecer nessas obras certas características comuns, as quais constituem a base de sua unidade.

Segundo, esses documentos foram escritos pelos primeiros seguidores de Cristo, indivíduos que participaram pessoalmente do nascimento e da expansão da igreja ou que tiveram um contato bastante próximo com os participantes, sendo que ambos viveram no primeiro século da era cristã.⁵ Portanto, há uma base para uma possível unidade no que diz respeito ao local e ao tempo relativamente limitados em que esses documentos foram escritos.

Em terceiro lugar, os livros do Novo Testamento constituem praticamente a totalidade da literatura cristã que sobreviveu do primeiro século, embora alguns documentos dos pais apostólicos (como 1Clemente e a Didaquê) também sejam provavelmente do mesmo período. Da mesma forma que a disputa pela posse do território da Caxemira não significa que a Índia e o Paquistão não possam ser considerados dois países distintos, o fato de que possa existir certa coincidência entre as datas dos últimos livros do Novo Testamento e dos primeiros escritos dos pais apostólicos (e também de outros documentos cristãos do mesmo período) não é motivo suficiente para se questionar a existência de um núcleo perfeitamente identificável em ambos os tipos de literatura. A distinção básica entre a literatura cristã do primeiro e do segundo séculos continua sendo válida, mesmo que o limite entre ambas não possa ser traçado com precisão, exceto pela constituição do cânon.

Em quarto lugar, os livros do Novo Testamento apresentam uma unidade temática patente, perceptível pelo fato de que todos tratam, de uma maneira ou de outra, de Jesus e da religião que se criou em torno dele. Com toda certeza, isso não implica necessariamente que todos digam as mesmas coisas sobre o

⁴ Essa afirmação é controversa, mas passível de defesa. Para uma idéia sobre as diversas posições existentes, ver os artigos sobre o cânon escritos por F. F. Bruce, *DJG*, p. 93-100; Arthur G. Patzia, *DPL*, p. 85-92; e Lee M. McDonald, *DLNTD*, p. 134-144.

⁵ É possível que me acusem de tornar as coisas mais fáceis para mim mesmo, mas duvido sinceramente de que as possíveis exceções, 2Pedro e as Epístolas Pastorais (e Atos, seguramente), devam ser datadas de um período tão posterior quanto o segundo século. Ver Steve Walton e David Wenham, *Exploring the New Testament*, v. I, *The Gospels and Acts* (Londres: SPCK; Downers Grove, Ill: InterVarsity Press, 2001); I. Howard Marshall, Stephen Travis e Ian Paul, *Exploring the New Testament*, v. II, *The Letters and Revelation* (Londres: SPCK; Downers Grove, Ill: InterVarsity Press, 2002).

tema comum, ou que concordem uns com os outros. Entretanto, um corpo de documentos que possuam um tema central comum deve se constituir em um objeto legítimo de estudo.

Por último, várias vezes tem sido alegado que os documentos demonstram um tipo de pensamento cristão sem paralelos na literatura posterior. Esse julgamento é evidentemente bastante subjetivo e seria possível afirmar que alguns dos documentos do segundo século (por exemplo, a *Carta a Diagoneto*) aproximam-se bastante deles em termos de espírito e qualidade. No entanto, como ponto de vista genérico é passível de defesa. Ainda assim, não atribuiria muito peso a esse argumento.

A tese que defendemos, portanto, é que faz sentido à luz do cânon perguntar se existe uma teologia básica que seja comum a todos os livros que a igreja primitiva considerou canônicos.

Evidentemente, a aceitação dessa postura não leva à exclusão de outros documentos, estranhos ao Novo Testamento, do conjunto de nossa análise. No processo de esclarecimento do conteúdo do Novo Testamento e de reconstrução histórica do período, é essencial que façamos uso de todas as fontes relevantes, inclusive das diversas formas de literatura cristã existentes naquele momento. Tal método de análise foi característico de Ethelbert Stauffer, cuja proposta era contextualizar o Novo Testamento em relação ao que designou de “antiga tradição bíblica”, o que por vezes lhe valeu a acusação de correr o risco de atribuir quase que o mesmo *status* canônico ao material extracanônico.⁶ Se estamos escrevendo a história da igreja primitiva, fica claro que deveremos usar todas as fontes disponíveis. No entanto, se estamos escrevendo um relato sobre a teologia do Novo Testamento, nossa tarefa então é trazer à tona seu conteúdo, da mesma forma que uma apresentação do pensamento de Shakespeare tomaria como base suas obras, embora as inserisse no contexto mais amplo de outras obras escritas por dramaturgos do mesmo período, ou ainda como o estudo dos fundadores do Partido Trabalhista inglês iria se basear em seus discursos, mas sempre no contexto do que fora dito por outros políticos contemporâneos.⁷

AS QUESTÕES RELACIONADAS AO CARÁTER CIRCUNSTANCIAL, À DIVERSIDADE E À EVOLUÇÃO DO PENSAMENTO

Ao tratar da quarta objeção levantada por Räsänen, teremos agora de enfrentar diversas dificuldades em nosso estudo, decorrentes da própria natureza e da história dos documentos sob análise.

A primeira dificuldade consiste no fato de que, entre os livros que compõem o Novo Testamento, não há nada parecido com um manual de teologia já

⁶ Ethelbert Stauffer, *New Testament Theology* (Londres: SCM Press, 1955), p. 20.

⁷ Ver mais adiante a nota número 13.

pronto. Nenhum dos livros foi especificamente escrito com um enfoque teológico, ou seja, com o propósito de ser um relato sistemático e detalhado sobre a visão de seu autor acerca da existência de Deus, do mundo e do modo como ambos se relacionam. Ao menos alguns dos livros possuem um caráter circunstancial, isto é, foram especificamente escritos em ocasiões determinadas, para um grupo de pessoas definido e nos mostram o que seus autores consideravam como relevante para tal público em particular. Podemos com certeza afirmar isso em relação às epístolas de Paulo. Em geral acredita-se que os evangelhos também foram escritos para comunidades específicas, embora essa concepção esteja sujeita a certas ponderações.⁸ Além disso, fica evidente que Paulo certamente considerava algumas das epístolas que escreveu para determinadas igrejas, senão todas elas, como material que poderia ser aplicado também em outras igrejas. No entanto, mesmo considerando-se que os livros sejam mais do que simplesmente circunstanciais, permanece válido o fato de que nenhum deles traz uma apresentação completa e sistemática da teologia de seu autor. Portanto, é bem provável que seja impossível analisar qualquer um deles para se obter o conteúdo da teologia de seu autor. E pode até haver certos casos duvidosos a respeito do grau de consciência que o autor possuía de algum tipo de teologia formada. Apesar disso, a dificuldade da tarefa em si mesma não consiste em um argumento contra a tentativa de reconstrução dessa teologia, ainda que isso seja compreendido a partir de obras que não sejam especificamente teológicas.

A existência de uma considerável variedade e diversidade entre os livros que compõem o Novo Testamento é nossa segunda dificuldade. O período de formação do Novo Testamento – anteriormente referido como “curto”, quando comparado à longa extensão do período posterior da história da igreja – também pode ser visto, sob outra ótica, como um período relativamente longo (de cerca de 50 anos), aliando-se a isso o fato de que os documentos eram provenientes de uma ampla área geográfica que ia de Jerusalém a Roma.

Os livros diferem uns dos outros em função de seu gênero literário, sendo que os gêneros específicos: evangelhos, epístolas e literatura apocalíptica, apresentam uma notória dificuldade de definição em relação às suas características.

Existe ainda o fato de que os livros retratam uma tamanha variedade de perspectivas entre si, que alguns estudiosos chegam a alegar que contêm contradições.

Todos esses aspectos dão origem à questão sobre a existência ou não de uma suficiente unidade de pensamento entre os livros do Novo Testamento, a ponto de justificar sua análise conjunta. No entanto, mesmo que não possamos partir do pressuposto da unidade do pensamento neotestamentário, ainda assim faz

⁸ Richard J. Bauckham, ed., *The Gospels for All Christians: Rethinking the Gospel Audiences* (Grand Rapids, Mich.: Eerdmans, 1998). Embora a tese principal seja atrativa, ainda deixa espaço para acreditarmos que os evangelistas foram influenciados pelas comunidades em que viveram e que, portanto, escreveram de forma mais específica para essas comunidades e suas necessidades, em vez de haverem tentado adotar uma abordagem mais católica.

sentido, sob o ponto de vista histórico, analisar o *corpus* constituído pelos primeiros livros cristãos, com o propósito de identificar as teologias ali representadas. O esforço seria válido ainda que o resultado nos demonstrasse que as supostas coesão e unidade alegadas fossem algo duvidoso. Quer gostemos ou não, temos diante de nós essa coletânea de livros como um objeto a ser investigado.

A terceira dificuldade encontra-se no fato de que esses livros são fruto de um processo de evolução do pensamento que nitidamente se divide, no mínimo, em duas fases principais:

A **primeira fase** refere-se ao período bastante breve do ministério de Jesus, encerrado com sua morte em 30 d.C., ou por volta dessa data. Os quatro evangelhos apresentam-se como relatos históricos do período, pois descrevem (como disse Lucas) todas as coisas que Jesus “começou a fazer e a ensinar”.

A **segunda fase** consiste do período posterior à morte de Jesus, durante o qual o pequeno grupo de seus seguidores cresceu em número e difundiu-se, formando igrejas por toda a porção oriental do mundo mediterrâneo. Foram eles que produziram a literatura que carrega a mensagem cristã, explicando-a e aplicando-a às necessidades das primeiras audiências. Contudo, essa mensagem não era uma mera continuação daquilo que Jesus havia ensinado, mas antes uma proclamação sobre Jesus e sua contínua relevância. Uma análise mesmo que superficial dos evangelhos e das epístolas mostra que os ensinamentos de Jesus e os de seus discípulos estão bem longe de serem considerados idênticos, mesmo que haja muita coisa em comum entre ambos.

O limite entre as duas fases está obscurecido pelo fato de os evangelhos terem sido escritos somente durante a segunda fase (e, de acordo com a visão geral, bem no final do período)⁹, de forma que, até certo ponto, refletem inevitavelmente os interesses e a perspectiva dessa etapa. Portanto, existe um delicado problema de caráter histórico na tentativa de se descobrir exatamente o que Jesus disse e fez, e a forma como ele teria sido visto pelas pessoas de seu tempo. Há uma dificuldade adicional causada pela diversidade de locais e períodos da segunda fase em que os diferentes documentos se originaram. Assim, temos que encarar o problema de tentar se reconstituir a origem e o processo de evolução do pensamento desses documentos. Se nos concentrarmos nos livros que hoje compõem o Novo Testamento, estaremos lidando com documentos que se enquadram em uma espécie de evolução cronológica e que, portanto, não podem ser todos tratados da mesma forma. E, estando empenhados em reconstruir a teologia da igreja primitiva durante o primeiro século, temos um compromisso ainda maior com a descrição de um riquíssimo panorama de idéias em processo de mudança e evolução. No entanto, nada disso, em princípio, torna nossa tarefa demasiado complexa ou impossível.

⁹ A posição universalmente aceita é que Paulo escreveu suas epístolas antes de os evangelistas terem escrito os evangelhos.

MÉTODOS UTILIZADOS PARA ESSA TAREFA

Mantendo sempre em mente os três aspectos relativos à diversidade do material, podemos tentar definir nosso tema de estudo em termos mais precisos e, para tanto, devemos conhecer alguns dos métodos recentes nesse sentido.

Uma definição provisória da nossa tarefa talvez possa nos ajudar: o propósito de quem estuda a teologia do Novo Testamento é investigar a evolução do pensamento dos escritores do Novo Testamento a respeito de Deus e do mundo, mais especificamente do mundo dos seres humanos¹⁰, bem como a forma como ambos se relacionam.

Essa é uma definição suficientemente ampla para o tema do nosso estudo e, ao mesmo tempo, exclui certas outras coisas ou, no mínimo, reconhece seu caráter secundário. Assim, ela exclui a hipótese de se tentar escrever uma história da igreja primitiva, exceto no que tange aos aspectos históricos que contribuam ao propósito de compreensão da teologia.

Exclui igualmente o exame do Novo Testamento como uma simples peça de literatura, embora deva ficar claro, mais uma vez, a relevância para nós do estudo literário na análise teológica.

Essa definição também traça uma nítida distinção entre o estudo da teologia do Novo Testamento e o estudo da religião dos primeiros cristãos, apesar da religião também ser importante ao nosso propósito na medida que ela dá origem à teologia, que, por sua vez, possui a tendência de dar forma à prática religiosa.

Não encontraríamos grande dificuldade em elaborar, por exemplo, a teologia da Igreja Independente da Escócia do século vinte. Bastaria que fizéssemos uma descrição acerca da visão característica e já sedimentada desse grupo específico de cristãos, pois se trata de uma comunidade relativamente pequena, com certa homogeneidade e bastante consciente da necessidade de adotar uma postura sistemática com relação à sua teologia, fundamentando-a solidamente na teologia da Reforma. Já uma descrição da teologia anglicana do século vinte, por outro lado, seria uma tarefa muito mais difícil, pois precisaríamos considerar um conjunto bem mais amplo de teorias e perspectivas, em que diversos grupos se opõem e até mesmo se contradizem uns os outros. Mas, ainda assim, teríamos algo que poderíamos descrever como tipicamente anglicano em comparação com outras teologias, como a presbiteriana ou a católica, por exemplo.

No entanto, como estudar o surgimento e a rápida expansão do cristianismo, no momento em que era composto por vários grupos, incluindo os judeus, com seus dogmas tradicionais, e os gregos e romanos, que há pouco adoravam uma diversidade de ídolos? Vários métodos têm sido adotados, alguns deles mais viáveis do que outros, conforme avaliaremos a seguir.

Pelo que já foi dito, deve ter ficado bem claro que não podemos simplesmente juntar todos os livros do Novo Testamento de forma indiscriminada, ou

¹⁰ Porém, certamente sem excluir os animais e os seres inanimados!

considerá-los como uma mina de onde extrairemos as pedras para a construção de nosso edifício teológico. De fato, seria possível fazer uma compilação de afirmações teológicas retiradas do Novo Testamento, o que não passaria de um harmônico apanhado de citações aleatoriamente extraídas de seus livros. Esse método iria apenas arrancar as afirmações para fora de seus contextos originais e, portanto, deixaria de proceder a uma análise mais cuidadosa de suas nuances e variações, aspecto necessário para se aferir com precisão o que elas pretendiam dizer e quais as suas implicações. Com isso, partiríamos do pressuposto de que todas as citações necessariamente refletem o mesmo ponto de vista. Contudo, podemos equiparar a teologia a uma mera coletânea de textos? É certo que deve haver algum tipo de organização. Assim, qual o critério para se organizar uma coletânea de textos? Se quisermos construir um edifício, e não um mero amontoado de tijolos, é necessário que tenhamos um projeto ou planejamento.

Em conseqüência disso, o primeiro método apresentado não pode na prática ser separado de um segundo, acompanhando uma tendência. Este consiste em adotar um critério de organização preexistente, extraído, por exemplo, de uma obra de teologia sistemática, sem que haja, contudo, qualquer evidência de que essa estrutura norteava o pensamento dos escritores do Novo Testamento. No entanto, é necessário dizer que, de modo geral, quem adota essa abordagem está praticamente convencido de que a estrutura reconhecida nessas obras equivale de fato à estrutura dos livros do Novo Testamento.

Assim, dois equívocos metodológicos combinam-se em tal hipótese, a saber, a utilização indiscriminada dos livros do Novo Testamento, como se todos refletissem necessariamente uma única perspectiva, bem como o reconhecimento e emprego de uma estrutura organizativa não pertencente ao Novo Testamento, como algo que lhe fosse inerente. Como provável resultado, teremos a distorção e o anacronismo. Sentimo-nos no direito de afirmar que nenhum estudante de teologia que seja sério escolherá esse método.¹¹

Um terceiro método, que evita os riscos que acabamos de mencionar, consiste em fazer uma análise individual dos autores e livros do Novo Testamento, com a finalidade de destacar aquilo que cada um ensina sobre os mais variados tópicos e, então, colocá-los lado a lado, procedendo ou não a uma comparação de seus conteúdos. Esse foi o método escolhido por G. B. Caird. Ele define seu trabalho sob a forma, como ele mesmo denominou, de uma “conferência” entre os autores do

¹¹ Evidentemente, seria muito difícil citar aqui exemplos da utilização desse método por parte de estudiosos do Novo Testamento. O que acabei de descrever é mais um risco a ser evitado, uma vez que é reconhecido por muitos. Existe uma obra de Donald Guthrie, *New Testament Theology* (Leicester: InterVarsity Press, 1981), que tende a adotar o modelo da teologia sistemática. No entanto, seu autor é demasiado perspicaz para cair no risco de distorcer os ensinamentos do Novo Testamento. Na verdade, em sua discussão sobre tópicos doutrinários específicos, ele analisa individualmente os autores e as áreas do Novo Testamento. É mais provável que alguém encontre o método a que nos referimos em obras mais antigas de teologia sistemática, de caráter mais conservador, sendo basicamente compilações de material bíblico.



TEOLOGIA DO NOVO TESTAMENTO DIVERSOS TESTEMUNHOS, UM SÓ EVANGELHO

Premiado em 2005 com medalha de ouro pela Associação de Editores Cristãos dos Estados Unidos, na categoria obras de referência, este livro reúne idéias que são fruto de muitos anos dedicados a estudos, pesquisas, ensino e produção literária na área do NT. Aliando todo esse conhecimento a uma linguagem clara e precisa, o autor produziu uma teologia neotestamentária acessível a uma vasta audiência que abrange desde leigos a estudantes.

No entanto, mesmo para aqueles que já possuem um certo domínio da área, esta é uma obra valiosa. Ao afirmar, por exemplo, que “a teologia do Novo Testamento é essencialmente teologia de missão”, Marshall consegue oferecer uma abordagem inédita e uma visão apurada e sensível, capaz de aprofundar nossa compreensão da mensagem do NT.

Nesta obra, I. Howard Marshall, renomado erudito em Novo Testamento, oferece uma síntese da teologia do NT:

- Começa por uma análise dos Evangelhos, Atos, epístolas de Paulo, literatura joanina e termina com Hebreus e as epístolas gerais.
- Por toda a obra, ele constantemente retoma a teologia presente nos textos analisados.
- Pouco a pouco vai construindo uma síntese da teologia neotestamentária.

Contudo, o autor não se limita apenas a traçar uma teologia do NT. Em sua análise, destaca com clareza as diversas teologias e testemunhos registrados em cada livro. Com isso, produz uma obra que também pode ser usada por estudantes como introdução aos livros do NT. Além deste, oferece ainda outro benefício extra: com certeza será muito apreciada por pregadores e professores que nela encontrarão interessantes panoramas da teologia de cada livro estudado. Verdadeiramente uma obra de referência que não pode faltar em sua biblioteca!